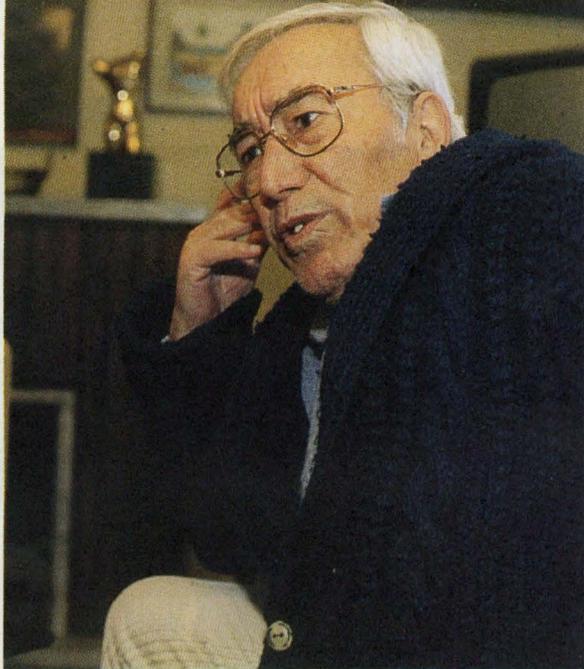


CONFIRMAÇÕES
OFICIAIS

Portugal	
Espanha	
São Tomé e Príncipe	
Índia	
Comissão Europeia	
Marrocos	
Brasil	
Tunísia	
Grécia	
Alemanha	
Cabo Verde	
Reino Unido	
Luxemburgo	
Paquistão	
Panamá	
Turquia	
Polónia	
Nações Unidas	
Senegal	
Chile	
Rússia	
Eslováquia	



ANTÓNIO MARQUES

"Lisboa é uma cidade navegante"

JOSÉ CARDOSO PIRES, PRÉMIO PESSOA A CIDADE DOS MILAGRES

Lisboa é um navio de proa apontada ao Tejo-oceano. Assim o diz o escrivão de bordo, que não liga às medições do piloto, nem à manobra do timoneiro. A José Cardoso Pires interessa mais a cartografia da memória — esse cofre dos afectos. Mas apaga da rosa-dos-ventos a nostalgia e escreve sobre o horizonte do maravilhoso. Porque Lisboa, urbe-navegante e andarilha, é também a cidade onde em cada ângulo por descobrir o milagre se pode revelar. É assim que o escritor constrói outra cidade, diferente de todas as Lisboas já conhecidas. Já depois de concedida esta entrevista haveria de ser distinguido com o Prémio Pessoa.

Lisboa, Livro de Bordo parece-me um título ambíguo. Quem é que navega? É a cidade ou é o escritor pela cidade? Quem é o navegante?

Eu digo que é uma cidade navegante. E este é o livro de bordo... Acho que uma das razões por que a EXPO '98 faz senti-do é a de estar ligada aos oceanos e tudo o mais. Isto particularmente reforçado pelo facto de a exposição estar centrada em Lisboa que é uma cidade — das cidades que eu conheço, das cidades de navegadores — aquela que está mais ligada ao mar. Lisboa está ancorada entre o Tejo, que já não é Tejo, e os oceanos. É uma cidade onde o Tejo quase que perde a configuração de rio: diga-mos que é um estuário com dimensão oceânica, uma porta para os oceanos. Isto não acontece, por exemplo, com Barcelona que, estando em cima do mar, como Lisboa, não respira isso, não dá essa ideia. E depois, a presença dos oceanos em Lisboa sente-se nas calçadas, na ornamentação, nalguma boa arqui-tectura manuelina. Portanto, é

uma cidade onde a tradição do mar se sente. É uma cidade navegante, uma cidade ancorada...

Aliás, começa por descrevê-la como um barco: inicia o livro descrevendo a proa...

Exactamente, começo a descrevê-la a partir daquela coisa horrível que é o padrão dos descobrimentos... Vejo-o de cima. Não sabe que as cidades fazem milagres?... Isto gostaria que ficasse escrito: as cidades fazem milagres, Lisboa faz milagres...

Que tipo de milagres?

Olhe, com o tempo, Lisboa consegue disfarçar tudo quanto é porcaria. Por exemplo, um dos monumentos nacio-nais mais horríveis é exactamente aquele por onde começo o meu livro — o padrão dos descobrimentos. Aquele padrão fotografado do ar, tal como aparece no livro, ali em cima do Tejo, é excelente. É excelente visto do ar. Tudo o resto é estalinismo. Aquilo é estalinismo nas coroas, é estalinismo em tudo — eu tenho vergonha daquele monumento e no entanto, visto de cima, sobre aquelas maravilhosas calçadas, daquele belo empedrado artístico...

Então o milagre está no ponto de vista...

O milagre está em que na cidade há ângulos em que o mau se apaga. Olhe o Cristo-Rei. Não me vai dizer que alguém com gosto neste país, no mundo inteiro, a começar pela Polinésia, pode achar naquilo um mínimo de dignidade. Aquilo é uma cópia descarada do Corcovado... A mim já não me incomoda. Quero dizer: está ali aquela coisa... É uma pena. Acho que Cristo merecia melhor.

Isso é o olhar apaixonado que vê milagres...

Bem, em todo o caso, para uma pessoa que escreve um livro que muita gente considera um livro apaixonado, eu quero esclarecer que sou um apaixonado com lucidez. Eu gosto imenso de Lisboa. É a cidade do mundo que eu mais gosto e já vivi noutras. Simplesmente esta é uma cidade pobre em muitas coisas e foi muito infeliz. Teve 50 anos de infelicidade. Em 50 anos, a única coisa com dignidade que se fez em Lisboa foi a ponte sobre o Tejo, que é bonita...

E o Metropolitano, não?...

O Metro de hoje deve-se a uma administração que veio depois do 25 de Abril, porque antes era um buraco, uma toca... Não estou a ver um ditador provinciano a ver no Metro mais do que um buraco com comboios a andar lá por baixo. O homem ouviu dizer que no estrangeiro havia uns buracos com comboios e mandou fazer um. A Maria Keil e o Keil do Amaral passaram tormentos para conseguir lá pôr quatro azulejos... Porque por vontade dele, se calhar aquilo era feito com estrume... O homem não gostava de nada que fosse contemporâneo. Esta cidade esteve 50 anos fechada. No entanto, Lisboa não perdeu a alma. E é isto que eu estou à espera de Lisboa: que se integre na modernidade, sem perder a alma.

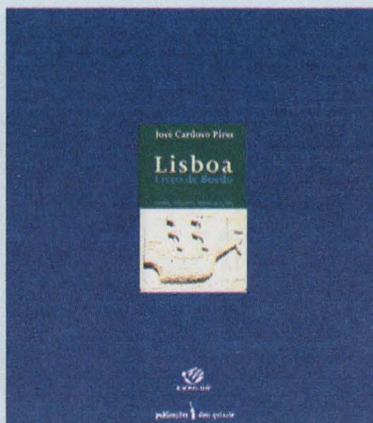
Nesta cidade-navio o Cardoso Pires parece seguir algumas bússolas, como simples orientação — Pessoa, O'Neill...

Sim, falo neles. Falo de gente. Mas só de passagem é que abordei algumas das grandes figuras da literatura da cidade.

LISBOA E GINJINHA COM ELAS

Fez-se a vontade ao escritor, no final da apresentação de **Lisboa, Livro de Bordo**, de José Cardoso Pires, no salão nobre dos Paços do Concelho, no final do mês passado, foi servida ginjinha. Com elas. Porque assim é à maneira dos lisboetas.

Editores, livreiros, escritores, artistas, homens de cultura, políticos, jornalistas não faltaram na apresentação em Portugal do último livro de Cardoso Pires, lançado semanas antes na Feira de Frankfurt por cinco grandes editoras europeias. Jamais uma obra de um escritor português havia atingido tal



recorde na cathedral mundial do livro.

A apresentação coube ao mais português dos escritores italianos: António Tabucchi. O autor de outro livro sobre Lisboa — **Requiem** — leu o prefácio que escreveu para a edição alemã de **Lisboa, Livro de Bordo**.

Com a chancela da Dom Quixote, **Lisboa, Livro de Bordo** está ilustrado por vários artistas portugueses, de Bordallo Pinheiro a Vieira da Silva. Entre muitos mais. A edição teve o apoio da EXPO '98. E no nosso país já se esgotou. PF

CONFIRMAÇÕES OFICIAIS

Mas neste livro, fundamentalmente, falo da minha experiência da cidade... Tenho falhas. Tenho falhas incríveis. Não falo, por exemplo, de pessoas que construíram a cidade de Lisboa, como por exemplo os arquitectos pombalinos...

Mas Lisboa, Livro de Bordo não pretende ser um roteiro, nem uma galeria de notáveis...

Pois não. Não pretende ser um livro de História, nem um roteiro. Digamos que é um relato pessoal e muito sentimental de uma cumplicidade entre um indivíduo e a cidade onde nasceu.

É uma viagem de memórias, de afectos? Mas não noto nela qualquer nostalgia...

É um relato de memória. De memória, de presenças, de afectos, daquilo que eu vi nesta cidade. E diz bem: não, não, eu não tenho saudades nenhuma da Lisboa onde eu nasci. Eu gosto muito mais da cidade de hoje, apesar de todas as tropeças por que tem passado. Não há dúvida que esta Lisboa não se compara nada com a cidade onde eu nasci. Mas não estou a falar do ponto de vista político... Ou melhor: quando falo de política é porque a política é um elemento da paisagem. A política determina a paisagem, quer se queira ou não. O que eu falo é do espírito da cidade. E de uma coisa muito importante: o humor da cidade. Cada cidade tem o seu humor próprio... Aquilo que de fundamental quis dar neste livro foi a paisagem do espírito do lugar. Qual é o espírito de Lisboa...

Mas com este livro não se limita a descrever a cidade. O livro é outra cidade. Há muitas Lisboas: a de Fernão Lopes, a de Bocage, a de Pessoa e a de O'Neill, a de Marina Tavares Dias, a de Tabucchi... Agora há também a Lisboa de José Cardoso Pires. O senhor acaba de criar uma outra Lisboa...

Não, não tenho essa intenção... Mas é uma Lisboa que está muito próxima de mim. Bem, felizmente que há muitas Lisboas... Uma das coisas que mais me emocionou em Lisboa, sem contar com o 25 de Abril no Largo do Carmo, foi ver aquilo que não vi em mais parte nenhuma do mundo. Foi quando depois do incêndio do Chiado o lisboeta médio e mesmo o lisboeta mediano não falava doutra coisa se não do incêndio. Falavam na rua. E preocupavam-se: então o que é que eles vão agora fazer disto?... As pessoas falavam como se Lisboa fosse propriedade sua e isso é uma coisa comovente. Eu percebi então que os lisboetas eram muito melhores do que eu pensava. Tinha ardido o Chiado e eles estavam desconfiadíssimos do que é



"A Expo tem de ser eminentemente cultural e parece-me que isso foi compreendido"

que dali ia sair. De repente o lisboeta viu que lhe amputaram uma parte e tomou aquilo como seu. Isto é o mais que se pode exigir de um povo: considerar a cidade como sua propriedade. Essa reacção sentimental tocou-me muito.

Daquilo que conhece da EXPO '98, o que acha que ela vem acrescentar à cidade?

A ideia que penso intuir no homem de rua é que ele pensa que a EXPO vai ser uma coisa muito grande, um empreendimento enorme que nos vai dar prestígio e que não sabemos se está feito a tempo ou não está. O que é natural...

Gato escaldado de água fria tem medo...

É isso é. Do que eu não oço falar, e isso é que seria importante, é a ideia de que Lisboa é uma cidade a andar. As pessoas discutem o dinheiro, mas o verdadeiramente importante nesta exposição é que ela é feita no sítio mais degradado e mais pobre de Lisboa. Um sítio que era conhecido aqui há 30 anos pelo Tejo Cigano. Ora, Lisboa não tem ainda essa sensação: é que Lisboa vai ganhar enquanto cidade com a EXPO, porque a EXPO não é eterna e o resto está planificado para ficar.

É um dos tais milagres de que há pouco falava?

Claro que é. É o que eu quis dizer através do livro. É que as cidades andam. As cidades crescem — o que é preciso é que cresçam bem. E depois há outro aspecto muito importante. Ouvi o Dr. Mega Ferreira dizer um dia que uma exposição mundial, se não fosse um empreendimento cultural seria uma feira de saldos... E isso é verdade...

Não há meio termo...

Não há meio termo. Uma exposição é sempre cultural, mesmo quando se faz uma exposição de indústrias. Está envolvida uma cultura e uma ciência e uma tecnologia... Mas, no caso concreto da EXPO '98, então a

situação é mais séria porque isto mede-se em coisas abstractas. Isto envolve os oceanos... A EXPO tem de ser eminentemente cultural e parece-me que isso foi compreendido. Quanto à parte da Lisboa que se vai acrescentar, é importantíssimo que seja um espaço integrado e que se prolongue, que vá até ao post-modernismo... parece-me que isso é o ideal...

Uma cidade sempre em viagem...

Uma cidade viaja eternamente e entre busca e busca e procura em procura vai-se prolongando...

Pedro Ferro



Filipinas



Papua-Nova Guiné



Venezuela



Países Baixos



Bulgária



Roménia



Guiné-Bissau



Moçambique



Santa Sé



Angola



Antiga Rep. Jugoslava da Macedónia FYROM



Congo



Peru



Arábia Saudita



Maldivas



Namíbia



Lituânia



Albânia



Egipto



Malta



Israel

VIAGEM À ILHA DA IRONIA

«Um divertimento bem-humorado das descobertas, uma paródia». Eis o bilhete de identidade que José Cardoso Pires lavra do seu conto inédito para a colecção «98 Mares» da EXPO '98: **Viagem à Ilha de Satanás.**

A abertura sugere Pêro Vaz de Caminha e a sua famosa «Carta», mas Cardoso Pires diz que não — que não leva as coisas tão a sério. «O que procurei fazer foi o desmascarar de muitos conceitos, conceitos de escola fácil, sobre os descobrimentos». Porque «o sentido de descobrir, descobrir por acaso, é do ponto de vista histórico falso: os descobrimentos portugueses foram profundamente científicos. Nada foi feito ao acaso».

Por isso aí está: «Em vez de entrar numa coisa muito séria, preferi durante oito dias fazer uma coisa em que me diverti...». PF

